

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT08.018

O RESGATE DOS CONTOS DE FADAS COMO FACILITADOR DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maria Elenilda Gomes Rabelo¹

RESUMO

O presente trabalho abordará a temática “O resgate dos Contos de Fadas como facilitador da aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental”, cujo objetivo é introduzir, nas práticas cotidianas em sala de aula, além de outras estratégias, os contos de fadas como elemento que facilitará a aquisição da leitura e da escrita. A experiência de contar histórias é uma espécie de investimento no psíquico do indivíduo. Tal experiência nos remete aos contos de fadas que, por muitos anos, foram esquecidos. Contar histórias é uma arte. Muitos leitores foram embalados e, provavelmente, ainda guardam na memória, a doce recordação da infância. Na perspectiva de uma dimensão maior de criatividade, esse tema traz à tona o resgate dos contos de fadas como incentivador e facilitador do processo de aquisição da leitura e da escrita, promovendo o resgate de uma estratégia até então deixada de lado nas práticas em sala de aula. Nesse sentido, será feito um levantamento bibliográfico, na perspectiva de resgatar as concepções teóricas e históricas sobre a leitura, a escrita e os contos de fadas ao longo do tempo. Quanto à metodologia, recorreremos à recepção e assimilação das crianças numa perspectiva de interação, a qual requer do professor, a mobilização de conhecimentos referentes à língua, a textos, a coisas do mundo e a situação de comunicação, para em seguida avaliar em que medida os contos de fadas poderão ser um facilitador do processo de aquisição da leitura e da escrita na sala de aula.

Palavras-chave: Contos de fada, Leitura, Escrita, Estratégias, Aprendizagem.

¹ Mestre em Ciências da Educação pela Flórida Christian University, reconhecido no Brasil Pela UNAMA – Universidade da Amazônia – PA, elenildarabeloelenilda@gmail.com;

INTRODUÇÃO

O presente artigo abordará a temática O resgate dos Contos de Fadas como facilitador da aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, cujo objetivo geral é introduzir, nas práticas cotidianas em sala de aula do Ensino Fundamental, os Contos de Fadas como estratégia para facilitar a aquisição da leitura e da escrita e na capacidade de a criança recriar a partir da imaginação.

Em torno do objetivo geral desencadearam outras ações pertinentes para a realização e concretização das atividades do projeto, como: compreender a prática das aulas de leitura e escrita e os recursos disponíveis como incentivo a estas aulas; analisar a relevância da inserção dos Contos de Fadas nas aulas de leitura e escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental e sua contribuição como facilitador na aquisição da leitura e da escrita; mensurar a capacidade criativa dos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, levando em consideração a introdução dos Contos de Fadas nas aulas de leitura e escrita, bem como sua compreensão e criatividade a partir da leitura, discussão e reprodução destes como forma de recriar a partir do imaginário.

Para isso, foi feita uma retrospectiva histórica das concepções teóricas e históricas sobre a leitura, a escrita e os contos de fadas ao longo do tempo, sob a fundamentação dos teóricos que abordam o assunto, como Bettelheim (2015), Freire (1985), Resende (1993), rego (1990), Foucambert (1994), entre outros.

Quanto à metodologia, recorreremos à recepção e assimilação das crianças numa perspectiva de interação, a qual requer do professor, a mobilização de conhecimentos referentes à língua, a textos, a coisas do mundo e a situação de comunicação, para em seguida avaliar em que medida os contos de fadas podem ser um facilitador do processo de aquisição da leitura e da escrita na sala de aula.

Durante décadas de estudos na educação brasileira, professores, pesquisadores discutem sobre o desenvolvimento da compreensão e fluência na leitura, sobretudo, sobre os processos que levam aos baixos índices de aprendizagem dos alunos.

O ato de ler favorece ao indivíduo a capacidade de se transportar para outros mundos, vivenciar novas culturas, fazer abordagens diversas entre o que ele já conhece e conhecimentos novos, obter instruções específicas para realizar tarefas ou simplesmente alimentar sua imaginação. Sobre isso, Freire (1989,

p. 11) afirma que “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo”.

O que nos impulsionou para a produção do trabalho é o baixo índice de alunos fluentes na leitura, nas turmas do Ensino Fundamental, anos iniciais. Diante disso, o nosso foco deu-se em torno de um questionamento: Como facilitar esse processo de aquisição da leitura utilizando-se de estratégias que desperte o gosto e a curiosidade das crianças em meio a uma série de outros entretenimentos que os meios de comunicação proporcionam?

Em um primeiro ponto, destacamos a importância da contação de histórias para a formação da linguagem, um fenômeno social que se constrói mediante essas relações de contar e ouvir, um processo dinâmico, em constante transformação, permeado por diferentes vozes, ideologias e perspectivas. Aqui, o diálogo se caracteriza como a base da comunicação, é dialogando que construímos sentido para dentro desse cruzamento de ideias. No dialogismo, a leitura é vista como um processo interativo, onde o leitor dialoga com o autor e com o texto. O leitor ativa seus conhecimentos prévios, estabelece relações intertextuais e negocia sentidos (Bakhtin, 2003). É nesse rol que focamos nosso trabalho, oferecer um novo olhar sobre o processo de leitura e compreensão de mundo.

Na perspectiva de atender o propósito, nos atentamos a buscar estratégias favoráveis, como por exemplo, resgatar a leitura e a contação de histórias, como forma de estimular a imaginação e, conseqüentemente, despertar o interesse pela leitura.

Histórias como O Patinho Feio; A Rainha da Neve; Soldadinho de Chumbo; A Pequena Vendedora de Fósforos; Branca de Neve; Cinderela; A Bela Adormecida; Chapeuzinho Vermelho; O Barba Azul; O Gato de Botas; Pequeno Polegar, entre outras, estão presentes na vida de muitos, e, quando seguida de um “Era uma vez...” desperta na criança e até no adulto, uma série de emoções, contribuindo para a compreensão no universo que nos cerca.

A experiência de contar histórias é uma espécie de investimento no psíquico do indivíduo. Tal experiência nos remete aos Contos de Fadas que, por muitos anos, foi esquecido. Contar histórias é uma arte. Muitos leitores foram embalados e, provavelmente, ainda guardam na memória, a doce recordação da infância. Tais estilos literários, têm em sua essência elementos que os caracterizam como histórias concisas, que entretêm e, além disso, traz temáticas que agregam leitores de todas as gerações e contextos culturais diferenciados.

Na perspectiva de uma dimensão maior de criatividade, esse tema traz à tona o resgate dos Contos de Fadas como incentivador e facilitador do processo de aquisição da leitura e da escrita, promovendo o resgate de uma estratégia até então deixada de lado nas práticas em sala de aula, para onde efetivaremos uma análise do trabalho do professor nessa questão fundamental, que agrega a inserção das estratégias de leitura e os mecanismos utilizados para viabilizar o processo de aquisição de forma prazerosa, compreensiva e crítica.

Ganha destaque aqui, a leitura no contexto educacional em que a escola seja o ambiente capaz de fomentar a necessidade e o gosto pela leitura como prática social e, assim, o estudante se torne hábil no processo e possa desempenhar papéis importantes dentro da sociedade. Por outro lado, quando essa instituição sustenta uma ideologia burguesa, fruto do capitalismo, compromete o processo de aquisição e desenvolvimento dessa habilidade.

A própria BNCC traz, de forma clara, a importância de proporcionar aos nossos alunos as mais diversas estratégias que facilitem o processo de assimilação e compreensão leitora.,

...proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (BRASIL, 2018, p. 65-66).

Sabemos, pela prática constante e experiências vivenciadas em sala de aula que a leitura precede a escrita dentro de um processo interativo que leva o indivíduo à compreensão daquilo que está ao seu redor.

De acordo com Bamberger (1995), no processo de formação do indivíduo leitor, é fundamental a influência do professor, este deverá dar importância aos encontros com a literatura, estimular, apresentar obras, criar situações estimuladoras que favoreçam o processo e contemple discussões antes, durante e depois de uma aula de leitura.

As ações mencionadas acima vêm ao encontro do que chamamos de atitudes louváveis que contribuem para que o ensino da leitura não se torne uma atividade enfadonha, mas com caráter estimulante, capaz de provocar nos estudantes o desejo de ir além do decodificado.

Nesse processo, a dialogicidade através da contação de histórias, constitui-se numa relação ideal, abrindo espaço para a construção de estratégias que,

se bem direcionadas facilitará a compreensão dos fatos e a aquisição do código escrito.

Toda essa temática se sustenta em pressupostos para o projeto de ensino / estudo da literatura infantil como facilitador do processo de aquisição da leitura e da escrita, propostos por Nelly Novaes Coelho (2000), elencados abaixo:

- Concepção da criança como um ser educável, um aprendiz de cultura, enquanto dura o seu ciclo vital;
- Concepção de literatura como um fenômeno de linguagem resultante de uma experiência existencial/social/cultural;
- Valorização das relações existentes entre literatura, história e cultura;
- Compreensão da leitura como um diálogo entre leitor e texto, estimulando as emoções, imaginário que pode levá-lo à informação imediata através da história, situação ou conflito gerando a curto ou longo prazo conscientização dos valores ou desvalores que se defrontam no convívio social;
- Compreensão da escrita como um ato-fruto da leitura assimilada e/ou da criatividade estimulada pelos dados de uma determinada cultura;
- Certeza de que os meios didáticos (estratégias, técnicas) dependem do grau de conhecimento do assunto que o usuário possua e da adequação entre esses meios didáticos e o assunto a ser trabalhado;
- Certeza de que a escola é o espaço privilegiado, em que devem ser colocados os alicerces do processo de autorrealização vital e cultural, que o ser humano inicia na infância e prolonga até a velhice.

Diante de todos esses pressupostos, o tema se formula na perspectiva de facilitar o processo de aquisição da leitura e da escrita, ressaltando a responsabilidade da escola e, acima de tudo, do professor como mediador.

É fato que, ensinar a ler e escrever tem se tornado uma das maiores dificuldades encontradas pelos profissionais da educação, uma vez que ambos precisam, antes de tudo, serem estimuladas fazendo-se uso de estratégias que despertem o interesse e a curiosidade da criança. Tais estratégias precisam ser planejadas levando em consideração o contexto e as especificidades de cada indivíduo.

Diante disso, o trabalho justifica-se pela necessidade de compreender que a leitura é um processo que depende de várias condições: a habilidade e o estilo pessoal do leitor; o objetivo; dentre outras.

Nesse contexto, a figura do professor se encaixa na contribuição para que a prática do ler e escrever sejam para o aluno um ato prazeroso. Para isto, quanto mais ricas as experiências de leitura, mais a criança estará próxima de alcançar seus objetivos.

Comprovadamente, as crianças aprendem a ler e escrever mais rápido, quando o convívio com a leitura é uma constante e, principalmente quando esse ato se converte em uma ação espontânea e estimulante, desencadeando momentos prazerosos.

Especificamente, no tocante à leitura em sala de aula, destacam-se aqui, os Contos de fadas como facilitador do processo de aquisição. Segundo Bettelheim (2015), estes são ímpares, não somente como literatura, mas como obras de arte inteligente, capaz de atribuir de forma profunda os mais ricos significados diante daquilo que se lê.

Nessa perspectiva, acredita-se que utilizar-se das mais variadas estratégias de estímulo à leitura, proporciona melhorias para a realidade que nos é apresentada. Daí acredita-se que a utilização dos Contos de Fadas entre essas estratégias, será uma forma de contagiar, uma vez que esse seja o objetivo maior: levar o aluno a apropriar-se do ler e escrever através da linguagem literária, o que se torna visível que, para o público infantil é necessário um empenho ainda maior da escola no que corresponde às propostas metodológicas utilizadas em sala de aula.

Priorizar o mundo fantasioso pode ser uma estratégia viável como forma de apropriação de valores e conhecimento. Isso porque os Contos de Fadas apresentam uma estrutura linear de fácil apreensão, especificamente para a aquisição da leitura e da escrita. Partindo desse pressuposto é que o referido trabalho se destina às crianças das séries iniciais do Ensino Fundamental, tentando, além de outros fatores, despertar, através do imaginário, a capacidade de interpretar fatos e relacioná-los ao seu contexto e ampliação de horizontes. É certo que pelo encanto que os Contos de Fadas trazem, tais narrativas poderão encantar e envolver também o leitor adulto.

É notório no contexto educacional que a leitura penetra e transforma com maior liberdade o nosso meio na sala de aula, na biblioteca, em casa. Faz parte

da vida cotidiana, seja por necessidade de conhecimento, informação ou essencialmente por prazer.

Em nosso país, devido questões históricas, sociais, políticas e econômicas, a leitura nem sempre faz parte do cotidiano de nossas crianças. Daí surge a necessidade de a escola incentivar os leitores em formação. Mas até que ponto a escola está cumprindo esse papel? São visíveis também as dificuldades encontradas por ela, no tocante ao incentivo à leitura.

Entre elas destacam-se a pequena quantidade de material a ser lido em sala de aula; a má qualidade do material a ser lido; a concorrência dos meios de comunicação de massa; o conflito tempo – cronograma – programa e livro didático na sala de aula; o incentivo à leitura feita através de moldes da memorização, do “dar” e “tomar” lição, fazendo com que este hábito que deveria ser prazeroso, torne-se enfadonho.

Nesse sentido, a busca por soluções que favoreça o gosto pela leitura tornou-se uma constante entre estudiosos, pesquisadores e professores que entendem a leitura como um instrumento necessário para o processo contínuo de autoformação, apreensão de conhecimentos, levando o aluno a questionar, discordar, debater, criticar, enfim, extrapolar o que lê.

O que se percebe é que o grande déficit na educação, hoje, se dá pela falta de domínio da leitura e escrita dos educandos, resultando numa série de consequências tanto para o aluno como para a escola, como é o caso das evasões e reprovações comprovadas através de estatísticas, nas quais registram casos de alunos que chegam ao final do Ensino Fundamental sem o domínio da leitura e da escrita. Esse é o nosso propósito: trazer uma reflexão acerca da importância da leitura. A compreensão deste ato reflete automaticamente no desenvolvimento crítico e reflexivo do meio em que estamos inseridos.

Nessa perspectiva de reflexão sobre o ato de ler, propomo-nos resgatar através dos Contos de Fadas, o mundo mágico a que a leitura nos encaminha, uma vez que, historicamente, os Contos de Fadas fazem parte da cultura universal, cabendo à escola assumi-lo, uma vez que este recurso didático irá permitir às crianças uma aproximação maior com o universo da leitura, apropriando-se de suas características construtivas, levando-as, através da contação de histórias, a elaboração de construções sintáticas mais complexas, o uso de um vocabulário rico e o detalhamento de ações na criação de novas histórias.

Embora o mundo do cinema tenha revolucionado a criançada com toda a sua magia, Tahan (1996, p. 16) já dizia que “a arte de contar histórias encanta

crianças, adultos ricos, pobres, sábios e ignorantes, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias dando-lhes vida e cativando a atenção”.

É do nosso conhecimento que há uma infinidade de gêneros que embeleza o imaginário da criança, mas é evidente, através de experiências, que os Contos de Fadas conseguem adentrar à imaginação e recriar situações expostas numa história. E mais uma vez Tahan (1996, p.38) expõe que, “o ato de contar histórias, é utilizada como veículo de verdades eternas”. Mediante afirmação, percebe-se que a contação de histórias resiste ao tempo, perpassa pela herança cultural de uma comunidade, passando de geração a geração.

A contação de histórias proporciona à criança um amadurecimento e automaticamente uma sedimentação dos fatos com mais clareza, levando essa mesma criança a dar vida e criatividade a novas realidades.

Segundo COELHO (2000, p. 54),

O maravilhoso sempre foi e continua sendo um dos elementos mais importantes na literatura destinada às crianças. Essa tem sido a conclusão da psicanálise, ao provar que os significados simbólicos dos contos maravilhosos estão ligados aos eternos dilemas que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional.

Para a autora, é nesse processo de amadurecimento que a criança se constrói e os contos de fada podem ser decisivos para a sua formação em relação a si mesmo e ao mundo à sua volta. E complementa “...o maniqueísmo que divide as personagens em boas e más, belas ou feias, poderosas ou fracas, etc. facilita à criança a compreensão de certos valores básicos da conduta humana ou do convívio social” (COELHO, 2000, p. 54).

É comum acharmos que para contar bem uma história, a primeira coisa a fazer é cuidar da voz ou criar uma ambientação, mas tem algo que nós subestimamos e que influencia diretamente nesse ar natural que alguns contadores têm, que é o envolvimento do contador com a história, a relação íntima que ele consegue criar com a história que ele vai contar e aí nos perguntamos: como criar esse envolvimento que é tão importante? A resposta pode ser exemplificada com os Contos Tradicionais / Contos de Fadas, os quais despertam na criança curiosidade, captação de dados sobre personagens, ambiente, gerando um envolvimento individual de acordo com cada indivíduo, suas experiências, é como se ela entrasse dentro da história e a história entrasse nela.

Além disso, as histórias ganham corpo e estilo através da linguagem poética, a qual gera conexão entre o real e o imaginário da criança, possibilitando-a fazer relação com fatos já vivenciados, seja em casa, no bairro, na escola.

Ao professor compete estar atento porque, para uns, o livro faz parte da vida e, para outros, é um ilustre desconhecido. É preciso então, trabalhar partindo do princípio de exploração deste recurso desde a capa, estendendo-se à contracapa, folha de rosto, texto, ilustração etc.

Levar o aluno a ler, escrever e contar os contos tradicionais infantis o fará apropriar-se da linguagem literária do autor e da estrutura desse gênero de narrativa.

REGO (1990, p. 44) argumenta:

...para uma criança cujas interações com a leitura e a escrita iniciaram-se anteriormente ao domínio do código, permitindo-lhe uma intimidade com a natureza da língua escrita, o tornar-se alfabetizado envolve muito mais do que simplesmente escrever frases ou ser capaz de ler os textos da cartilha.

Em relação ao recurso didático que se propõe evidenciar como facilitador na aquisição da leitura e da escrita, que é o Conto de Fadas, importante fazer uma análise fundamentada nas obras de alguns escritores que acreditam neste recurso, como uma forma de trabalhar além da leitura e a escrita, também o imaginário, o criativo, o psicológico e o emocional.

É importante destacar que, além de trabalhar a criatividade, os Contos de Fadas possuem uma riqueza de elementos elencados em sua estrutura que de fato encantam, dentre eles destacam-se a presença do maravilhoso, que lhes dá caráter imaginativo; personagens reduzidos, com características marcantes e históricas; ambiente não detalhado, impreciso, causando ao leitor um teor imaginativo; presença de uma intriga; vocabulário rico; ambivalência de elementos: bem x mal, beleza x feiura; narrativa complexa com a presença de muitos diálogos; os acontecimentos encandeiam-se não por laços lógicos, mas por laços afetivos; presença marcante da natureza; abordagem de relações: pai, mãe, madrasta, madrinha (conceito social de apadrinhamento); obstáculos a vencer como forma de crescimento interior, final feliz, como forma de recompensa por tantos obstáculos percorridos.

Para compreender melhor a importância da introdução dos Contos de fadas nas aulas de leitura e escrita em sala de aula, revisa-se a obra de BETTELHEIM (2015, p. 16-17), que com sua experiência, fala:

A criança faz identificação por conta própria e as lutas interiores e exteriores do herói imprimem moralidade sobre ela. Com isto a criança ajusta o conteúdo inconsciente às fantasias conscientes, o que a capacita a lidar com este conteúdo. É aqui que os contos de fadas têm valor inigualável, conquanto oferecem novas dimensões à imaginação da criança que ela não poderia descobrir verdadeiramente. Por si só. Ainda mais, a forma e a estrutura dos contos de fadas sugerem imagens à criança com as quais ela pode estruturar seus devaneios e com eles dar melhor direção a sua vida.

Vale salientar que a primeira experiência de uma criança com livros é escutando histórias lidas em voz alta, lendo ou ouvindo o vocabulário da criança aumenta, o que devem ser criadas oportunidades de leitura, seja na escola, na biblioteca, sala de multimeios, em casa, associação, enfim, o mundo da leitura precisa fluir para despertar o gosto de ler e fazer deste ato um hábito da própria vida. Paralelamente à necessidade de pôr em uso a escrita, a oralidade e o imaginário, através da hora do conto, da produção textual etc.

Foucambert (1994) ao falar de política de leiturização utiliza também o Estatuto do leitor e opina:

Ser leitor é querer saber o que se passa na cabeça de outro, para compreender melhor o que se passa na nossa. Essa atitude, no entanto, implica a possibilidade de distanciar-se do fato, para ter dele uma visão de cima, evidenciado de um aumento do poder sobre o mundo e sobre si por meio desse esforço teórico. Ao mesmo tempo, implica o sentimento de pertencer a uma comunidade de preocupações que, mais que um destinatário, os faz interlocutor daquilo que o autor produziu. (FOUCAMBERT, 1994, p. 30).

Percebe-se que o processo de leitura contempla entre outros fatores, a vitalidade. A ação ganha mais destaque e significação quando leva em consideração o que se lê. Quem lê e como se lê. Logo, quanto mais se lê, mais se aprende a ler, e nesse movimento de ler mais e mais, mais e melhor, é que afloram as competências, os desejos, as fluências, o enriquecimento vocabular, a percepção além do escrito, dentre outras habilidades desenvolvidas ao longo desse processo.

Nessa perspectiva, é possível converter o leitor em colaborador, personagem criador de trabalhos, argumentador interessado, relator do universo da obra.

Nessa linha de raciocínio, Freire (1985), aponta que a compreensão do mundo se torna viável quando a leitura fizer parte do cotidiano de cada ser humano. Quando esta tornar-se um processo dinâmico, ativo, exigirá de cada leitor, reflexão, questionamentos, diálogos, levantamento de inferências ao que foi proposto, formando automaticamente, leitores críticos, reflexivos, conscientes e esclarecidos.

Daí surge a importância de introduzir, desde cedo, metodologias eficazes no processo de aquisição da leitura e da escrita, enfatizando a inserção dos contos de fadas e o trabalho do professor como mediador desse processo.

Resende (1993, p. 164), “o homem não permanece o mesmo antes e depois de cada leitura. A cada mergulho nas camadas simbólicas de um livro emerge-se vendo o universo interior e exterior, com mais clareza”. Percebendo a leitura como prática social, GERALDI (1996) nos diz que a leitura é um ato de interação e interlocução, o qual resulta em um novo processo de construção de significado e atribuição de sentido.

Sendo assim entende-se que o ser humano é um ser que se interroga. Diante de um texto, por exemplo, ele o tempo todo se interroga conforme se deleita na leitura, o ato de ler não é mecânico, é crítico. Perante qualquer manifestação humana ou da natureza em geral, questiona-se, esse questionar-se é a curiosidade que impulsiona o ser humano a evoluir.

Para Cunha (1997), adquirir recursos que propiciam a aprendizagem não é suficiente. É imprescindível considerar a formação dos professores que, na prática, decidem por priorizar o conteúdo exposto no currículo e não o processo de construção do conhecimento pelo aluno. Tornando-se assim meros reprodutores e multiplicadores de métodos de ensino tradicional.

Dessa forma, compreendemos o quão é importante o ato de ler, e, principalmente a metodologia utilizada para despertar na criança o gosto, fazendo-a perceber a beleza e arte presente em tal ato.

A escola, nesse processo torna-se um local privilegiado para o encontro entre o leitor e o livro, oferecendo oportunidades para a formação literária do indivíduo. Sobre isso COELHO (2000, p. 16), complementa que:

E, nesse espaço, privilegiamos os estudos literários, pois, de maneira mais abrangente do que quaisquer outros, eles estimulam o exercício da mente; a percepção do real em suas múltiplas significações; a consciência do eu em relação ao outro; a leitura do mundo em seus vários níveis e, principalmente, dinamizam o estudo e conhecimento da *língua*, da expressão verbal significa-

tiva e consciente – condição *sine qua non* para a plena realidade do ser.

Isso não quer dizer que o espaço escola seja rígido, disciplinador, esse espaço deve ser, ao mesmo tempo, libertário e orientador para permitir ao indivíduo em formação chegar ao seu autoconhecimento e tenha acesso ao mundo da cultura que caracteriza a sociedade a que ele pertence.

Além disso, é imprescindível alertar para o fato de que inserir novos recursos, não caracteriza inovação, não basta mudar ou transformar, é necessário conhecer as posturas ou tendências pedagógicas e refletir sobre a realidade para que cada docente busque a própria transformação em direção a uma postura que considere adequada a sua prática.

O desafio do presente trabalho é analisar, fundamentada em algumas teorias que abordam a temática em estudo, como os contos de fadas poderão facilitar o processo de aquisição da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, propondo alternativas de metodologias que facilitem e dinamizem esse processo.

METODOLOGIA

Com a tarefa de compreender melhor os processos que facilitam a aquisição da leitura e da escrita, com ênfase na inserção dos Contos de fadas como facilitador, utilizamos fontes escritas e orais, como livros, vídeos que contemplam a contação de histórias, seguindo ordenadamente algumas etapas:

- 1º Apresentação do projeto para a coordenação e professores da escola, abordando sua importância dentro do processo de aquisição da leitura e da escrita.
- 2º Planejamento com os professores das séries iniciais do Ensino Fundamental para a escolha dos Contos a serem trabalhados.
- 3º Apresentação, informalmente, alguns personagens conhecidos dos Contos de Fadas para os alunos, propondo uma roda de conversa e buscar das crianças conhecimentos prévios, se conhecem, se já ouviram algumas histórias em que essas personagens aparecem, qual deles são seus favoritos, se escutam histórias em casa, do que tratam.

Nessas três primeiras etapas, o professor será capaz de observar a participação dos alunos, suas histórias, suas falas e seus conhecimentos prévios sobre o assunto.

4º Escolha, inicialmente, de um conto, o mais citado por eles na etapa anterior, para ser lido de forma colaborativa, e, o professor, no decorrer da leitura, lançar questionamentos, o que eles estão achando, o que provavelmente irá acontecer no final da história. No final, questionar se era o que eles realmente esperavam, por que gostaram ou não gostaram.

Essa etapa dar-se-á todos os dias, numa espécie de rotina. A cada leitura realizada, apresentar aos alunos, mesmo que informalmente, as características do gênero (título, enredo, personagens bons, personagens maus, elementos mágicos, conflito e resolução).

Dessa forma, cada história contada despertará na criança a curiosidade, a criatividade de pensar além do que é narrado, a vontade de representar a história, seja recontando-a, desenhando-a ou até mesmo reescrevendo-a.

5º O próximo passo parte do contato da criança com o livro. A proposta é dividir as crianças em grupos pequenos para que folheiem, conversem informalmente sobre a história.

Nesse momento, o professor poderá fazer suas intervenções através de questionamentos que levem os alunos a construir sequencialmente todo o roteiro da narrativa.

6º Baseada na versão oralizada da atividade anterior, o professor poderá propor a escrita da narrativa, acrescentando elementos novos, modificando o final para que possam apresentá-las, novamente oral, com todas as modificações feitas.

7º Após todo esse trabalho realizado, o professor organizará uma exposição, cujos materiais serão as produções dos alunos, envolvendo toda a escola para que juntos compreendam a importância da inserção de metodologias criativas que facilitam o processo de aquisição da leitura e da escrita.

Dentro dessa sequência teremos a proposta de atividades que irá facilitar o processo de aquisição da leitura e da escrita, como: fantasias, recorte, montagem de histórias, brincadeiras dirigidas, música, teatro com fantoche, poesia, confecção da varinha mágica, história através da TV de papelão, história cantada ou encenada, entre outras.

Com a prática dessa sequência como uma rotina, a criança desenvolverá sua capacidade de imaginar e recriar novos fatos a partir dos citados. Isso dará a oportunidade de se aproximar da própria leitura entregando-se ao simbólico e, assim, tornarem-se leitores que identificam e produzem significados para suas leituras.

A proposta seguiu um cronograma de acordo com as etapas descritas na metodologia, com duração de 02 (dois) meses, podendo se estender por mais tempo.

1ª Semana	Apresentação do projeto para a coordenação e professores da escola.
2ª Semana	Seleção dos Contos a serem trabalhados.
3ª Semana	Apresentação informal do Projeto para os alunos através de uma roda de conversa.
4ª Semana	Leitura colaborativa dos contos selecionados.
5ª Semana	Apresentação de algumas obras – livro físico.
6ª Semana	Reprodução oral dos contos lidos.
7ª Semana	Exposição das atividades produzidas pelos alunos.
8ª Semana	Avaliação das etapas de execução.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de avaliar os benefícios que a inserção dos contos de fada poderá trazer para facilitar a aquisição da leitura e da escrita foi elaborado esse projeto de ensino, tendo como conteúdo básico a contação de histórias como estratégia para o estímulo à leitura e a escrita.

Este projeto foi estruturado alternando textos impressos, livros, material áudio-visual, ilustrações para estimular a imaginação fazendo com que as crianças recontassem a partir da sua criatividade.

Pela sua dinâmica, o projeto mostrou-se viável e aplicável, uma vez que se trata de crianças que estão em processo de formação leitora. Por outro lado, pôde-se encontrar algumas dificuldades, ao depararmos com crianças que não tiveram em seu ambiente familiar contação de história ou contato com materiais que propiciassem a motivação para a leitura.

Sabe-se que as histórias na área do maravilhoso, dos contos de fadas possuem uma linguagem metafórica carregada de significado e magia, daí a necessidade de trazer suporte que encante, seja através da maneira de contar e das estratégias que leve a criança a recontar e reescrever atribuindo sentido e criatividade àquilo que estão fazendo.

Com a utilização dessa metodologia, as crianças foram estimuladas e desafiadas de forma dinâmica a adentrar no mundo fantástico dos contos de fada, imaginar e refletir sobre sua realidade e a capacidade de transformá-la. O conteúdo é, sem dúvidas, inovador e com certeza encantar a mais crianças, para que assim possam vivenciar o imaginário através da literatura e da arte de contar histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a importância dessa ação para o processo de alfabetização da leitura e da escrita, pude perceber o quão foi importante elaborá-lo e entender como a inserção dos contos de fada na metodologia diária pode estimular a imaginação e a criatividade da criança, levando-a a entender, a partir da literatura, o mundo que a cerca e posteriormente poder transformá-lo.

É maravilhoso mergulhar e contribuir para que nossas crianças sejam capazes de olhar e pensar o mundo de uma forma menos precária de imaginação e criatividade. Proporcionar o lúdico e a diversidade de estratégias, desperta na criança a curiosidade de saber além do que está sendo ouvido, ela interage, questiona e apresenta possíveis propostas de mudança para a resolução de problemas e/ou conflitos.

A nós professores, cabe a responsabilidade e o compromisso de criar essas possibilidades de forma mais criativa e prazerosa. Utilizar-se da contação, da recontação, da leitura criativa de histórias proporciona às nossas crianças a oportunidade de imaginar e reformular seu pensamento durante e após a ação.

É este foi o nosso propósito: introduzir, nas práticas cotidianas em sala de aula do Ensino Fundamental - anos iniciais, os Contos de Fadas como estratégia para facilitar a aquisição da leitura e da escrita e na capacidade de a criança recriar a partir da imaginação.

Sabemos que não é uma tarefa fácil, a aquisição da leitura e da escrita tem sido um entrave na educação brasileira, mas acredita-se que a escola empenhada e o professor estimulando o potencial dessas crianças, através de metodologias

dinâmicas, facilitará o processo de forma mais prazerosa. É a dinâmica Escola/comunidade juntos nesse processo.

Espera-se que esse projeto possa ser útil para outros profissionais de ensino, que possa ser suporte para colegas professores no processo de aquisição da leitura e da escrita de nossas crianças, que além da ação de ler, possa ser proporcionado a elas, o encantamento e o gosto pela literatura e, consequentemente, a aquisição da leitura e da escrita com mais prazer e ludicidade.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Fontes, 2003.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. Trad. de Octavio Mendes Cajado. 6. Ed. São Paulo, Ática, 1995.

BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela leitura literária na escola de 1º grau**. São Paulo, Ática, 1995.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)**. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 1. Ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, M. I. da. **Narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino**. Ver. Fac. Educ. São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan. 1997.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão**. Trad. de Bruno Charles Magne. Porto Alegre, artes Médicas, 1994.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler; em três artigos que se completam**. 7. Ed. São Paulo, Cortez: Campinas, autores Associados, 1985.

GERALDI, J. Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, Mercado de Letras; ABL, 1996.

OLIVEIRA, M E G R. **Desempenho da Leitura e Escrita:** um estudo sobre o índice de evasão nas escolas fundamentais do município de Quixadá/CE. 2019. 111f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação / Comunicação, Linguagens e Cultura). Flórida Christian University (reconhecido no Brasil por: UNAMA - Universidade da Amazônia).

REGO, Lúcia Lins Browne. **Literatura Infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola.** São Paulo. FTD, 1990.

RESENDE, Vânia Maria. **Literatura Infantil e Juvenil. Vivências de leitura e expressão criadora.** RJ: Saraiva, 1993.

TAHAN, Malba. **O Homem que Calculava.** Rio de Janeiro: 42ª edição, Record, 1996. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981, p.29- 164.